

O MILAGRE COTIDIANO DO ULSTER

Em *Poemas*, o irlandês Seamus Heaney mostra que é um dos maiores líricos vivos de seu país e que sua bandeira continua sendo a dos homens, todos os homens

Por Hugo Estenssoro

Quando o poeta irlandês Seamus Heaney ganhou o Nobel, em 1995, os únicos surpreendidos foram os filisteus. Longe de ser um poeta popular, Heaney foi e seguiu sendo um poeta para as chamadas minorias cultas, que o descobriram louvavelmente cedo. Seu mestre e amigo, o poeta americano Robert Lowell proclamou-o há bastante tempo o maior poeta irlandês depois de Yeats. O elogio é menos desproporcionado do que parece: a poesia irlandesa passa por um período tão ruim quanto a britânica. A verdade é que, à maneira de Manuel Bandeira, Heaney é um poeta menor reconhecido como um igual pelos maiores. Mas a notória micópia literária dos acadêmicos suecos costumava aliviar-se com a leitura de autores de língua inglesa. E, como tantas, a escolha de Heaney foi politicamente correta. A tensão de premiar um grande poeta católico nascido no Ulster, justo no momento em que a paz na Irlanda do Norte aparecia no horizonte do possível, era forte demais.

Nada disso diminui o aquilatado mérito de Heaney, sem dúvida um dos mais altos líricos das ilhas britânicas desde Auden. É cada vez mais consensual que, ao lado do galês R. S. Thomas, sua voz celta oferece fino contraponto ao quarteto inglês Larkin-Hill-Tomlinson-Hughes. Como este último, seu amigo e *Poet Laureate*, foi tomado inicialmente por um "poeta da natureza". Pouco a pouco, no entanto, aparece em seus versos um convincente fôlego de poderosos ritmos e grande ambição conceitual. A "celebração dos milagres cotidianos" mencionada pelo comitê do Nobel continua a ser um veio profundo e palpitante de sua obra, o tom menor sendo agora o refúgio íntimo do poeta quando desce das alturas.

A trajetória poética de Heaney é discernível nos seus comentários sobre Wordsworth, em que reconhece as raízes da sua estirpe. No grande romântico, Heaney destaca o conflito entre a necessidade de atender "à cabana que a natureza respira" e a responsabilidade de entrar "o que o homem fez ao homem". Com outro desdobramento, a dupla tensão que há entre a política e a transcendência. Mas a comparação é limitada. Heaney canta uma experiência vivi-

da, e não uma realização. Afinal, diferentemente de Wordsworth e outros celebrantes da natureza, Heaney é filho de camponeses e da ingrata terra em que se criou. E, enquanto Wordsworth se deslumbrava e depois se desencantava com a Revolução Francesa como um espectador longínquo, Heaney tem convivido durante a sua idade adulta com *the troubles* ("os distúrbios", eufemismo para designar o conflito civil no Ulster).

Seus detratores acusam-no de crítica política, que, antes fortíssima, é fácil confundir com a traição ou, pelo menos, com omissão, apesar de Heaney ter escolhido viver em Dublin e usar passaporte irlandês. Mas o poeta tem visto a corrompção não se deixar recrutar sob bandeira nenhuma que não seja a dos homens, todos os homens. Heaney reivindica, na "questão irlandesa", o que chama de "lealdade neutra". Numa obra-prima, em que ecoa o timbre sombrio de Dante (*Heaney's Ireland*, 1984), Heaney faz desfilar os fantasmas do passado e do presente irlandeses. O primeiro lhe diz: "Afasta-te de toda proximidade". E o último, a sombra de James Joyce, apostrofa: "Essas histórias de povo avassalado são para crianças... É hora de mudar por tua conta".

Heaney é professor universitário na disciplina algo arcaica de oratória e retórica, e portanto um mestre da versificação comparável a Auden. Das que a tradução seja difícil. A de José Antonio Arantes (*Poemas 1965-1987*, Cia. das Letras) é obviamente um labor de amor, mas sofre contínuos desfalecimentos. Desafio o leitor a adivinhar o que significa em português "cortar turfa" ou "fazer lar" sem consultar o original inglês (capinar e acender uma fogueira). A "queda" de um poço deveria ser a sua profundidade, e "o atirador perdendo peso ao sol" é simplesmente um atirador fazendo pontaria.



Heaney e *Poemas*: mudando por conta própria

romant, livro de Seamus Heaney. Tradução e notas de José Antonio Arantes. Companhia das Letras, 344 páginas, R\$ 28

O milagre cotidiano do Ulster [artículo] Hugo Estenssoro.

AUTORÍA

Estenssoro, Hugo

FECHA DE PUBLICACIÓN

1998

FORMATO

Artículo

DATOS DE PUBLICACIÓN

O milagre cotidiano do Ulster [artículo] Hugo Estenssoro.

FUENTE DE INFORMACIÓN

[Biblioteca Nacional Digital](#)

INSTITUCIÓN

[Biblioteca Nacional](#)

UBICACIÓN

Avenida Libertador Bernardo O'Higgins 651, Santiago, Región Metropolitana, Chile